

REPRODUÇÃO/AAN



A banda nos anos 50, onde aparece Antônio (o segundo, da esq. para a dir.): contra os preconceitos

EDUARDO BECK/AAN



Antônio, hoje, mostra foto de apresentação recente no Largo do Pará: contratos são escassos

BAÚ DE HISTÓRIAS



ROGÉRIO VERZIGNASSE

Banda dos Homens de Cor sobrevive à crise financeira

Corporação criada na década de 30 para reunir músicos negros preserva o orgulho

Lá no distante ano de 1933, a única banda existente em Campinas fazia sucesso nos coretos com seus rapazes bem nutridos e de olhos claros. Aquele era o Brasil atrasado, onde a seriedade e a capacidade do cidadão eram avaliadas de acordo com a cor da sua pele. Tempos em que os negros interessados no singelo prazer de tocar um instrumento eram simplesmente evitados pela sociedade.

Foi quando aqueles senhores resolveram fundar uma banda própria. A Corporação Campineira dos Homens de Cor, há décadas, tem a sede no mesmo lugar: a antiga casa de João de Oliveira, um dos idealizadores do grupo, na Rua Luzitana, 127.

E a fundação da banda, diga-se de passagem, não teve qualquer apoio do Poder Público ou dos cidadãos de maior poder aquisitivo. O imóvel foi comprado com o dinheiro arrecadado pelos próprios músicos, que economizavam tudo o que a banda recebia nas apresentações.

Os anos se passaram. As criaturas preconceituosas do começo do século 20 foram desaparecendo. Felizmente, já não existe aquele racismo. Quer dizer, pelo menos não existe na intensidade de antes. O mundo está mudando.

Mas um detalhe não mudou. A sobrevivência da banda ainda depende de esforços pessoais. Dos músicos e dirigentes que, às vezes, tiram dinheiro do próprio bolso para pagar contas.

Segundo o presidente da enti-

dade, José Antônio, de 81 anos, a banda quita as despesas de água e luz porque conta com o aluguel de uma edícula nos fundos da sede. Algo em torno de R\$ 300,00 mensais. Os instrumentos mais novos (duas tubas, um bumbo, dois bombardinos e um sax de harmonia) foram comprados no final da década de 70. É, lá se vão duas décadas e meia...

A banda já chegou a ter 30 músicos e se apresentou em várias cidades da região. Hoje, são apenas 14. Os contratos estão rareando. A banda tocou pela última vez em agosto do ano passado, na histórica praça do início da Rua Abolição, onde nasceu a Ponte Preta. Depois daquilo, os músicos só se encontraram para ensaiar.

A Homens de Cor depende quase que exclusivamente de eventos patrocinados pelo Poder

Público ou pela Igreja. Toca em festas, inaugurações de espaços públicos de lazer, quermesses e procissões. Cada apresentação, com duas horas de duração, custa R\$ 2,4 mil. Tudo vai para o caixa da banda e ajuda

a pagar despesas. Nenhum músico possui salário. Nem o maestro tem uma remuneração digna.

Antônio, que participa da corporação desde a década de 40, lembra que morava nas imediações do atual Aeroporto Internacional de Viracopos e caminhava até o Centro para aprender a trocar sax na sede. Ele ocupa a presidência há 15 anos.

Fala que é muito difícil atrair os jovens para a corporação. O maestro Álvaro Jorge Oliveira, ele próprio (Antônio) e Benedi-

Egídio (que toca clarinete) são os mais velhos. Já passaram dos 80 anos de idade. O músico mais jovem já beira os 30.

E olha que não falta esforço para atrair novos músicos. As aulas para quem quer aprender a tocar um instrumento são ministradas até de graça na sede na banda. Todos os músicos e dirigentes têm seus próprios empregos. E só podem ensinar à noite. "Ninguém consegue viver de música em Campinas", fala Antônio, sorrindo para disfarçar o desapontamento.

Como faltam músicos, fala, as quatro bandas existentes em Campinas (Carlos Gomes, Homens de Cor, Santa Cecília e São Luiz Gonzaga) acabam se ajudando. O músico de uma toca na apresentação da outra, e assim todas vão vivendo. Pura solidariedade.

Na própria Homens de Cor figuram os brancos Antônio Meneghetti e seu filho Claudinei. O primeiro toca caixinha. O segundo, pistom. "A música é um presente divino que pode ser apreciado por pretos e brancos, ricos ou pobres, jovens ou idosos. Somos todos iguais", comemora o orgulhoso Antônio.

SAIBA MAIS

Quem tem interesse em saber mais detalhes sobre a história da corporação ou aprender a tocar um instrumento e integrar a banda pode ligar para Antônio no (19) 3229-5139.

PARTICIPE DO BAÚ

A seção Baú de Histórias resgata, sempre aos domingos, episódios que foram motivo de reportagem no passado. Leitores que quiserem sugerir temas para a coluna podem escrever para a Redação do Correio Popular ou enviar e-mail para rogerio@cpopular.com.br.